

## **EDUCAÇÃO INTEGRAL: UM CAMINHO POR UMA ESCOLA MAIS INCLUSIVA E TRANSFORMADORA.**

Tamires Da Silva França <sup>1</sup>  
Ana Cecilia Teixeira Gonçalves <sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

O presente estudo tem como objetivo geral refletir sobre a concepção de educação integral e suas práticas transformadoras. Justifica-se a escolha do tema pela relevância da educação integral no enfrentamento das desigualdades educacionais e na promoção de uma educação emancipadora. A perspectiva teórica adotada baseia-se nas concepções de educação integral de Moll (2013), Thiesen (2011) e Costa (2014). A partir desse viés, a educação integral é apresentada como uma resposta necessária aos desafios estruturais da educação no Brasil, historicamente marcada por desigualdades e exclusões. Nesse contexto, conclui-se que, em consonância com a Constituição Federal de 1988, a qual estabelece a educação como um direito fundamental, a educação integral busca garantir o pleno desenvolvimento dos indivíduos, preparando-os para o trabalho e, sobretudo, para a cidadania.

### **1 METODOLOGIA**

A pesquisa possui natureza teórico-empírica, com abordagem qualitativa e fins descritivos. A documentação indireta, por meio da análise bibliográfica, constitui o principal plano de geração de dados, com base nas obras de Moll (2013), Thiesen (2011) e Costa (2014), autores que abordam a temática da educação integral. O método de estudo utilizado é o dialético, pois busca compreender a realidade educacional a partir da análise crítica das práticas escolares, considerando suas contradições e potencialidades transformadoras. Para a análise e interpretação dos dados, adota-se o método comparativo, estabelecendo relações entre diferentes concepções teóricas e práticas pedagógicas. Esta seção finaliza destacando que a análise reflexiva das práticas de educação integral orienta a discussão subsequente do resumo expandido.

### **2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE**

A educação integral é compreendida como uma abordagem que vai além da transmissão de conteúdos, buscando envolver os estudantes em processos de aprendizagem que valorizem seus contextos de vida e promovam a formação crítica e reflexiva. Segundo Costa (2014), a educação integral deve ser concebida como uma prática transformadora, capaz de mobilizar o corpo, as emoções e a experimentação, elementos que favorecem o aprendizado significativo.

<sup>1</sup> Acadêmico(a) do Curso de Letras- Português e Espanhol – 9º Fase- 2025/1. Universidade Federal Da Fronteira Sul. [miresfrancasilva123@gmail.com](mailto:miresfrancasilva123@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre/Doutor pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Orientador(a). Prof.<sup>(a)</sup> do Curso de Letras- Português e Espanhol da Universidade Federal Da Fronteira Sul. [acgteixeira@uffs.edu.br](mailto:acgteixeira@uffs.edu.br)

A educação integral, segundo Moll (2013), é uma abordagem que busca promover o desenvolvimento completo de cada estudante, considerando então não apenas o aspecto acadêmico, como também as dimensões sociais, emocionais, culturais e físicas. Um dos aspectos centrais dessa abordagem é a relação com o tempo de ensino, que se desvia do modelo tradicional de aulas fragmentadas e horários rígidos. A educação integral não propõe apenas aumentar o tempo que os alunos passam na escola, mas transformar a forma como esse tempo é utilizado na escola: em vez de simplesmente adicionar mais aulas, mais carga horária, a ideia é integrar diferentes experiências de aprendizado que conectem o conhecimento à vida cotidiana de cada estudante.

Trata-se de reconectar os tempos da escola com os tempos da vida de nossos estudantes, procurando entender o continuum, entre esses tempos e a presença dos estudantes com seus saberes e múltiplas possibilidades de aprendizagens. Trata-se de, a partir dos processos de reflexão e ação instituídos há muito em muitas escolas, avançar na qualificação do espaço escolar como espaço de conhecimentos e valores, como espaço no qual a vida transita em sua complexidade e inteireza, como espaço no qual cada estudante, com razão e emoção, possa conhecer e operar com a música, com as ciências, com as artes cênicas, com a matemática, com a literatura, onde cada um e todos em relação possam se humanizar e se singularizar, entendendo o mundo e entendendo-se no mundo. Trata-se de fazer acontecer o encontro entre a escola e a cidade, a escola e a comunidade, a escola e a rua, ampliando-se e garantindo-se territórios para percursos formativos de nossas crianças e nossos jovens (Moll, 2013, p. 45).

Moll (2013) destaca que a escola pode ser mais do que apenas um local que apenas transmite conteúdo. A escola deve ser um local de espaço vivo, do qual os estudantes gostem de fazer parte, conectados com a sua realidade, com o mundo em que vivem. Quando se fala de educação integral, não se trata apenas de passar mais tempo na escola, mas uma forma de garantir que o tempo que estão na escola seja significativo e bem aproveitado, com experiências que envolvam diferentes áreas do conhecimento e que estejam conectadas com a vida dos estudantes. Dessa forma, de acordo com Moll (2013), a escola se torna um ambiente onde os saberes não estão isolados apenas em disciplinas, mas dialogam entre si, permitindo que os alunos desenvolvam não só competências acadêmicas, mas também habilidades socioemocionais, culturais e cidadãs.

Isso significa que a aprendizagem deve ir além dos livros e das provas, incluindo projetos, vivências práticas e interações com a comunidade também. Assim, quando os estudantes percebem que o que aprendem na escola tem aplicação no seu dia a dia, o processo educativo se torna mais significativo e motivador.

A educação integral, segundo Costa (2014), é uma concepção que compreende o desenvolvimento do estudante em todas as suas dimensões: intelectual, emocional, social, cultural e física. Diferente de uma visão tradicional que foca apenas na transmissão de conteúdos escolares, a educação integral busca formar indivíduos completos, que sejam capazes de interagir de maneira crítica e ativa na sociedade em que vivem:

a Educação Integral como concepção de qualidade entende que a aprendizagem e o desenvolvimento integral devem caminhar juntos. Isso significa dizer que é compromisso da educação o desenvolvimento integral da criança e do estudante nas diferentes etapas da vida. Isso implica reconhecer as singularidades de cada etapa. Educar uma criança na

primeira infância não é o mesmo que educar uma criança maior ou um adolescente, um jovem ou ainda um adulto. Deslocar a centralidade dos conteúdos para os sujeitos implica em reconhecer estas especificidades e organizar tempos, espaços, recursos e propostas a partir delas. (Costa, 2014, p. 9).

Essa abordagem entende também que a aprendizagem não acontece apenas dentro da sala de aula, mas nas interações sociais, nas experiências culturais, nas práticas esportivas e também com o contato com a comunidade. Assim, a escola se torna um espaço vivo, onde o conhecimento é construído de forma significativa e conectado com a realidade dos estudantes. Nesse ínterim, busca-se dar mais oportunidades para quem não tem o privilégio desde cedo e não somente reforçar os que sempre tiveram mais chances. Além disso, a educação integral não se limita à ampliação do tempo na escola, mas propõe um ensino que leve em consideração os interesses, as necessidades de cada aluno.

Segundo Thiesen (2011), o tempo e o espaço escolares são categorias centrais para se pensar na organização curricular. Thiesen (2011) explica que, por muito tempo, a escola seguiu uma lógica marcada pela fragmentação dos saberes, com horários bastante rígidos, disciplinas isoladas e pouca valorização da experiência dos estudantes. Então essa organização surgiu ainda na modernidade, fortemente influenciada pela racionalidade técnica. Como afirma Thiesen (2011, p. 245), "o currículo materializou uma organização escolar arquitetada à luz da objetividade e da funcionalidade do conhecimento científico, fortemente marcada pela fragmentação do saber".

No entanto, esse modelo tradicional tem sido grandemente criticado. Hoje entende-se que cada aluno possui o próprio ritmo de aprendizado e que os espaços escolares não podem e não devem mais ser vistos como neutros, mas como lugares carregados de muito significado. Como observa Cunha (2008, p. 184, apud Thiesen, 2011, p. 253), "o lugar se constitui quando atribuímos sentido aos espaços". Ou seja, o espaço escolar precisa acolher, representar e valorizar os sujeitos que ali estão.

Nessa perspectiva, o currículo da educação integral deve promover experiências que respeitem o tempo de cada aluno e que articulem os saberes em vez de dividi-los. Como afirma Thiesen (2011, p. 253), "a escola deve se constituir em ambientes vivos com diferentes representações, sentidos e significados". Isso significa transformar a rotina escolar em um espaço de descoberta, em que os alunos tenham liberdade para aprender no seu tempo e se reconheçam como parte importante da escola:

a escola deve constituir-se, portanto, de ambientes vivos com diferentes representações, sentidos e significados. Sua organização espaço/temporal deve considerar a pluralidade de vozes, de concepções, de experiências, de ritmos, de culturas, de interesses, etc. A escola, por seu currículo e por sua dinâmica, deve conter em si a expressão da convivialidade humana, em toda a sua complexidade (Thiesen, 2011, p. 253).

Essa reflexão de Thiesen (2011) mostra o quanto a escola precisa ser mais do que um espaço apenas com horários fixos e disciplinas separadas. Para que a educação realmente faça sentido na vida de cada estudante, é necessário repensar a maneira como o tempo e o espaço escolar são organizados. Eles não devem existir apenas para manter uma rotina, mas sim para favorecer momentos de troca, convivência e aprendizado significativo na vida de cada estudante. O currículo precisa ser construído a partir da realidade dos alunos, considerando as vivências,

culturas, formas de aprender e tudo aquilo que faz parte do dia a dia de cada aluno fora da escola. Quando isso acontece, o ambiente escolar se torna mais acolhedor e também mais próximo dos estudantes, e o processo de aprendizagem ganha um pouco mais de sentido. Dessa forma, a escola se transforma em um espaço onde todos se sentem respeitados, incluídos e motivados a aprender e a se desenvolver não apenas como estudantes, mas também como seres humanos melhores.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nas leituras teóricas realizadas, evidencia-se que a educação integral propõe uma transformação significativa no modo como a escola se organiza e se relaciona com os alunos. A perspectiva integral exige o reconhecimento das diferenças, a valorização das experiências individuais e a construção de práticas pedagógicas que considerem os contextos sociais de cada aluno.

A crítica ao modelo fragmentado mostra-se pertinente, pois evidencia como a estrutura tradicional da escola pode reforçar desigualdades ao desconsiderar a diversidade dos alunos; já a educação integral, ao contrário, busca integrar diferentes dimensões do desenvolvimento humano, tais como emocional, social, cultural e físico, promovendo práticas educativas mais inclusivas e transformadoras na vida de cada aluno.

O reconhecimento das diferenças torna-se essencial para construir uma escola que seja, de fato, um espaço de transformação social. Adotar práticas pedagógicas que respeitem a singularidade dos estudantes contribui para uma aprendizagem mais significativa e para a formação de sujeitos críticos e atuantes na sociedade.

### CONCLUSÃO

O estudo evidencia que a educação integral representa uma resposta necessária aos desafios históricos da educação brasileira, ao propor práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e promovam a inclusão social. A partir das leituras que embasam teoricamente este relato, compreende-se que a efetivação da educação integral demanda a superação do modelo fragmentado e a construção de uma escola que reconheça as diferenças e atue de maneira integrada com a comunidade. A educação integral, nesse sentido, configura-se como um caminho para uma educação mais justa, democrática e transformadora na vida dos alunos.

### REFERÊNCIAS

COSTA, N. Educação Integral: uma reflexão sobre a concepção e suas práticas transformadoras. **Cidade escola aprendiz.** disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/educacao-integral-uma-reflexao-sobre-concepcao-e-suas-praticas-transformadoras/>. Acesso em 20/02/2024

MOLL, Jaqueline. Educação Integral e tempo integral na perspectiva da inclusão social. **Educação & Sociedade**, v. 34, n. 124, p. 365-378, 2013.

THIESEN, J. da S. Tempos e espaços na organização curricular: uma reflexão sobre a dinâmica dos processos escolares. **Educ. rev.** 27 (1) • Abr 2011.